

10 de abril de 2019

departamento de línguas e culturas
universidade de aveiro



Simpósio de Jovens Investigadores em Literatura para a Infância e Juventude

Literatura para a Infância e
Juventude e outras Artes

Programa e Livro de Resumos

Organização:

Projeto Entregéneros:
Literatura e Hibridismo |
Grupo Entre Textos (CLLC)



cllc
departamento de línguas e culturas

cllc
centro de línguas, literaturas e culturas

FCT
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

Este evento é financiado por
fundos nacionais, através da Fundação
para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no
âmbito do projeto UID/ELT/04188/2019

Comissão Organizadora

Ana Margarida Ramos (Universidade de Aveiro)

Emanuel Madalena (Universidade de Aveiro)

Inês Costa (Universidade de Aveiro)

Jéssica Silva (Universidade de Aveiro)

Comissão Científica

Ana Margarida Ramos (Universidade de Aveiro, Portugal)

Blanca-Ana Roig Rechou (Universidade de Santiago de Compostela, Espanha)

Cláudia Sousa Pereira (Universidade de Évora, Portugal)

Diana Navas (Pontifícia Universidade Católica-São Paulo, Brasil)

Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira (Universidade Estadual Paulista
“Júlio de Mesquita Filho”, Assis - São Paulo, Brasil)

Isabel Mociño (Universidade de Vigo, Espanha)

João Manuel Torrão (Universidade de Aveiro, Portugal)

José António Gomes (Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico
do Porto, Portugal)

Margareth da Silva Mattos (Universidade Federal Fluminense, Brasil)

Maria Madalena Teixeira da Silva (Universidade dos Açores, Portugal)

Maria Teresa Cortez (Universidade de Aveiro, Portugal)

Olalla Cortizas Varela (Universidade de Santiago de Compostela, Espanha)

Sandie Mourão (Universidade Nova de Lisboa, Portugal)

Sara Reis da Silva (Universidade do Minho, Portugal)

Programa

Programa

Auditório Aldónio Gomes (sala 2.1.10)

Pósteres – sala 2.1.11

9.00 – Sessão de Abertura

Diretor do Departamento de Línguas e Culturas

Diretor do Programa Doutoral em Estudos Literários

Diretora do Centro de Línguas, Literaturas e Culturas

9.15 – Lançamento do livro *Tendências Contemporâneas da Investigação em Literatura para a Infância e Juventude*

Isabel Mociño (Universidade de Vigo, Espanha)

9.30 – Conferência de Abertura | Literatura Juvenil e outras artes: a multimodalidade em cena

Diana Navas (PUC-São Paulo, Brasil)

10.45 – Intervalo para café

11.00 – Mesa Redonda: Novas perspectivas sobre a ficção juvenil

(moderada por Sara Reis da Silva)

Sang Dapeng (U. Aveiro, Portugal) — *Uma Escuridão Bonita*: uma

viagem noturna ao imaginário, uma narrativa sensorial e ilustrativa

Carolina Malta Cardozo Pezzoni (U. Porto, Portugal) — Escritas da

imaginação: A criação autobiográfica na infância

Renata Flaiban Zanete (U. Minho, Portugal) — Experimentos de

identidade em diferentes linguagens artísticas nas obras literárias

de Lygia Bojunga e Alice Vieira

Gabriela Trevizo Gamboni Patrocínio (PUC-São Paulo, Brasil) — A

Metaficção nas obras de Lygia Bojunga: a revelação da autorreferencialidade

12.30 – Almoço

14.00 – Mesa Redonda: LIJ e outras artes

(moderada por Cláudia Sousa Pereira)

Andréia de Oliveira Alencar Iguma (U. Federal de Uberlândia, Brasil)
— A música como processo de subjetivação na literatura juvenil brasileira: uma leitura das obras *Marginal À Esquerda* e *O Garoto Que Não Era De Liverpool*

Inês Costa (U. Aveiro, Portugal) — Livros que os adultos ouvem, músicas que as crianças leem

Ana Albuquerque e Aguilár (U. Coimbra, Portugal) — Literatura infantil e juvenil digital: a multimodalidade na criação de um ecossistema literário

15.00 – Intervalo para café e sessão de pósteres

16.30 – Mesa Redonda: LIJ e ilustração: livro-álbum, livro de imagem e livro-brinquedo

(moderada por Ana Margarida Ramos)

Júlia Andrade (U. Coimbra, Portugal) — Para ver o tempo: relações entre recursos visuais e materiais na representação da temporalidade nos livros de imagens

Mathilde Simões (Université Lyon 2 Lumière / Univ. Nova de Lisboa)
— L'album comme outil de formation littéraire, artistique et citoyenne

Diana Maria Ferreira Martins (U. Minho, Portugal) — Recriações esquecidas em livro-brinquedo do conto intemporal *A Gata Borralheira*

17.30 – Encerramento

Conferência de Abertura

Literatura Juvenil e outras artes: a multimodalidade em cena

Diana Navas (PUC-São Paulo, Brasil)

A literatura juvenil, em significativa expansão no cenário contemporâneo brasileiro, tem desafiado a crítica não apenas ao abordar temas fraturantes, mas, também, ao incorporar, em sua arquitetura, diferentes linguagens. Em consonância com o contexto histórico-cultural do público a que preferencialmente se destina – mergulhado em um universo no qual abundam as referências áudio-visuais – a produção literária juvenil tem absorvido, na construção narrativa, as linguagens da música, do teatro, do cinema, da fotografia, rompendo com as tradicionais fronteiras entre a literatura e as diferentes formas artísticas, apontando para uma composição marcada pela confluência e hibridismo de linguagens.

A partir de narrativas juvenis contemporâneas, intenta-se, assim, investigar o diálogo que se estabelece entre a literatura e outras formas artísticas, de modo a demonstrar como o texto literário incorpora tais linguagens, as quais contribuem decisivamente para potencializar os efeitos de sentido suscitados pelo literário, demandando, em razão disso, uma leitura multimodal.

Diana Navas é doutorada em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP) e professora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Realizou seu estágio pós-doutoral na Universidade de Aveiro, no Departamento de Línguas e Culturas, sob supervisão da Prof.^a Dra. Ana Margarida Ramos. Integra o grupo de pesquisa sobre Literatura Infantil e Juvenil da PUC-SP. Tem participado ativamente de eventos na área de literatura infantil e juvenil e apresentado várias comunicações em congressos nacionais e internacionais. Publicou livros na área de literatura portuguesa – *Narcisismo Discursivo e Metaficção* (2009) e *Figurações da Escrita* (2013) –, além de artigos destinados ao estudo da Literatura Juvenil em Revistas Nacionais e Internacionais.

**Resumos de Comunicações
e Pósteres**

Virtualidades do livro-álbum *A árvore da escola* para a promoção da ecoliteracia

Adriana Figueiras (Universidade do Minho)

Ana Moreira (Universidade do Minho)

Filipa Carvalho (Universidade do Minho)

Margarida Machado (Universidade do Minho)

Rui Ramos (Universidade do Minho)

A presente proposta de póster decorre de um trabalho de investigação realizado no âmbito da unidade curricular “Discursos, Textos e Estratégias Interpretativas”, do 1.º ano do Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico da Universidade do Minho. A análise da obra parte da noção de sequência narrativa (Adam & Revaz, 1997) e de literatura para a infância (Ramos, 2010), para identificar como a narrativa em questão constrói e promove uma visão do mundo onde os seres humanos tomam consciência da sua interação com o meio, em particular com os elementos naturais – e, assim, fomenta a criação de uma visão tendencialmente “ecológica” do mundo, com as suas redes de interação que ultrapassam a mera exploração irrefletida e linear dos “recursos” naturais (Capra, 2002). Dito de outra forma: pretende-se analisar como esta obra pode promover a ecoliteracia dos jovens leitores a que é destinada (Orr, 1998), sem deixar de ser marcada pelo que a define como obra literária. Entende-se aqui “ecoliteracia” como “a capacidade de os cidadãos desenvolverem um tipo de pensamento favorável à desconstrução do paradigma antropocêntrico que caracteriza as sociedades ocidentais e as suas consequências mais diretas, nomeadamente a conceção do homem como legítimo explorador do meio natural em seu proveito e a da natureza como uma inesgotável fonte de bens ao dispor de todas as necessidades e desejos humanos” (Ramos & Ramos, 2013: 17). No caso, o protagonista é uma criança e o cenário da narrativa uma escola. A personagem principal repara numa pequena árvore que cresce no recreio. Tornar a árvore objeto de discurso individualiza-a e dá-lhe um estatuto especial, torna-a visível e atuante no mundo da criança-protagonista e das crianças-leitoras. Nesta narrativa, a fragilidade da árvore, decorrente do seu pequeno tamanho e da indiferença/invisibilidade de que é alvo, torna-a carente de cuidado e proteção. Protegendo a árvore, a criança-protagonista torna-se agente na edificação do meio e leva os seus colegas e a relutante professora a assumirem uma atitude semelhante.

A obra reifica o passar do tempo, associado ao lento crescimento da árvore, e este transforma-se, tal como a relação afetiva estabelecida com a árvore, numa experiência significativa para as crianças. Assim, a obra oferece aos leitores uma experiência mediada, convidando-os a repositonarem-se na sua relação com os elementos naturais do seu meio, promovendo a sua ecoliteracia.

Literatura infantil e juvenil digital: a multimodalidade na criação de um ecossistema literário

Ana Albuquerque e Aguilar (Universidade de Coimbra)

A literatura infantil e juvenil digital (LIJD) distingue-se da impressa por, justamente, não poder ser lida num livro, dado que aproveita e explora as possibilidades intrínsecas do meio (Turrión, 2014). Do mesmo modo, deve ser diferenciada da literatura digitalizada, se atendermos à definição que Katherine Hayles (2009) preconiza para a literatura eletrónica. Assim, e seguindo a precursora definição de LIJD proposta pelo grupo GRETEL, da UAB, cujo trabalho é fundador da LIJD enquanto campo de investigação, as obras deste género apresentam três características distintivas (individual ou conjuntamente): interatividade, não-linearidade e multimodalidade (Turrión, 2014; Manresa & Real, 2015; Ramada Prieto, 2017).

Pelo seu carácter híbrido, transdisciplinar e interartístico, os objetos literários digitais, em geral, e, em particular, os destinados à infância e à juventude, revestem-se de uma grande riqueza estética e semiótica, bem como de uma elevada complexidade. Propomos, deste modo, explorar a multimodalidade como componente fundamental da textualidade eletrónica, como condição de um texto que inclui componentes de significado, tais como som, imagem, animação, movimento, vídeo e envolvimento cinestésico, em que é possível combinar e recombinar lexias (Hayles, 2002) e em que o leitor/ouvinte/utilizador está dinamicamente envolvido na construção do significado (Seamen, 2007).

Abordaremos, então, duas obras, pela importância que outros códigos que não o verbal (na verdade, nenhuma delas apresenta texto verbal) assumem na sua leitura, exploração, compreensão e imersão, tentando demonstrar como cada modalidade e cada elemento semiótico contribuem para a construção e para o equilíbrio do ecossistema que é a obra literária digital.

Em primeiro lugar, atentaremos em *Lil' Red*, de Brian Main (2013), pela forma como o uso da música e da cor constroem o sentido da obra. Tal como em *Pedro e o Lobo*, de Prokofiev (1936), a música ou o som produzidos por um instrumento ou por um naipe representam as personagens, também nesta remediação (Bolter & Grusin, 1999) da narrativa tradicional, a sonoridade e a musicalidade atribuídas a cada personagem são determinantes na sua caracterização. Do mesmo modo, o uso cromático de apenas preto e vermelho, num fundo branco, numa significativa aproximação ao monocromatismo, permite a identificação da Capuchinho como heroína e, por antítese, do Lobo como seu antagonista, bem como dos seus pares/duplos literários, ambos representados por aves.

Por sua vez, no que concerne a *Spot*, de David Wiesner (2015), atenderemos sobretudo à importância da ilustração e à sua relação com a pintura. Na verdade, o consagrado autor de LIJ impressa encontra no meio digital novas possibilidades criativas, o que lhe permite conceber uma obra que, embora inspirada no álbum ilustrado, impresso e digital (Al-Yaqout & Nikolajeva, 2015), transcende o género e cria um artefacto surrealista, cuja narrativa reside na interação e manipulação do leitor, na exploração de macro e micro-universos que vão surgindo na ponta dos dedos, num exemplo de como o processo de leitura háptica (Marques, 2018) pode, ele próprio, criar uma poética. Assim, abordaremos o espaço onírico surrealista (Turrión, 2016) presente na obra, mas também a importância que a pintura de Escher tem na sua conceptualização e construção.

Experiência de leitura do conto *Menina Bonita do Laço de Fita* de Ana Maria Machado como discussão étnico-racial em contexto de sala de aula para aquisição do Espanhol como língua estrangeira

Ana Cláudia Henriques (Universidade de Aveiro)

Este texto tem como propósito descrever uma experiência de leitura do conto *Menina Bonita do Laço de Fita* de Ana Maria Machado, com alunos nativos ingleses, em contexto de aprendizagem do Espanhol como língua estrangeira. O presente estudo apresenta reflexões sobre a capacidade interpretativa de histórias de origem não anglófila, mas que versam sobre tópicos que

representam desafios universais: neste caso, em particular, o racismo e a visão da pessoa de cor na literatura.

O resultado desta experiência retrata, sobretudo, a perspetiva de leitura de alunos, do sétimo ao décimo ano, do bairro de Peckham em Londres. As crianças e adolescentes assinalaram, logo em primeiro lugar, o desconforto da leitura pelo viés preconceituoso do texto, causado pela reflexão étnico-racial evidente a partir da linguagem e da situação de comparação que caracteriza a protagonista. Reconheceram o enaltecimento da personagem como bem-intencionado. No entanto, pareceu-lhes uma história repleta de lugares-comuns que não os representa e, além disso, os associa a um imaginário do qual sentem não fazer parte.

Pretende-se com este trabalho partilhar experiências do uso da literatura infantil no contexto de aquisição de língua estrangeira, por forma a identificar desafios e soluções para o desenvolvimento da competência de leitura e comunicação intercultural.

Uma análise semiolinguística de álbuns de potencial destinação infantil que abordam a homoafetividade e a homoparentalidade

Anabel Medeiros Azerêdo de Paula (Universidade Federal Fluminense)

A Literatura Infantil contemporânea tem-se mostrado um campo profícuo à abordagem de temas fraturantes (Ramos, 2010) e à inovação na materialidade estético-literária do livro álbum, apresentando propostas cada vez mais concernentes às demandas sociais emergentes. Considerando os altos índices de violência contra homossexuais no Brasil, que elevaram o país à primeira posição no *ranking* de países que mais matam homossexuais no mundo, urge a necessidade de combater, cada vez mais cedo, a homofobia, fomentando o respeito às diferenças e o reconhecimento de que os direitos civis e humanos devem ser usufruídos, igualmente, por todos os cidadãos. Por isso, decidiu-se investigar como os temas fraturantes, homoafetividade e homoparentalidade, são postos em discurso na Literatura Infantil. Este trabalho traz um recorte de uma pesquisa de doutoramento, em andamento, qualificada no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem do Instituto de Letras, da Universidade Federal Fluminense (Brasil), cujo principal objetivo centra-se

em analisar as estratégias discursivas relacionadas à captação e à persuasão do leitor em livros-álbum que abordam temas fraturantes. O aporte teórico da pesquisa concentra-se, principalmente, na Teoria Semiolinguística de Análise do Discurso (Charaudeau, 2008) e nos estudos sobre o livro-álbum (Nikolajeva & Scott, 2011; Linden, 2012; Sipe, 2000; Ramos, 2009). Nossa hipótese é a de que o sujeito, interpelado pelo projeto de influência social que se materializa no álbum, afetado pelos efeitos patêmicos programados em obras dessa natureza, pode aderir mais facilmente à proposta de mundo que lhe é apresentada. Em conformidade com essa perspectiva de análise, busca-se, ainda, identificar as propostas interlocutórias nessas narrativas (Paulino, 2000), a partir do reconhecimento das visadas discursivas das obras. Desse modo, verifica-se que os álbuns de potencial destinação infantil constituídos de temáticas fraturantes podem ser altamente eficientes para que uma finalidade argumentativa, que visa incitar o leitor destinatário a crer na licitude da relação homoafetiva e na legitimidade da homoparentalidade, seja bem sucedida. Percebe-se, ainda, que, devido às estratégias discursivas de captação, essas narrativas podem ser capazes de promover a identificação do leitor destinatário com as personagens e com a trama da história e estimular a reflexão acerca das representações que circulam socialmente, revelando uma proposta de interlocução com o leitor destinatário, predominantemente, pragmática. Para compor o *corpus* de investigação, elegeram-se obras que tratam dessas temáticas fraturantes em primeiro e em segundo plano na narrativa, nomeadamente, *O livro do Pedro* (Bacelar, 2008), *Uncle Bobby's Wedding* (Brannen, 2008), *Três com Tango* (Richardon & Parnell, 2005).

A música como processo de subjetivação na literatura juvenil brasileira: uma leitura das obras *Marginal À Esquerda* e *O Garoto Que Não Era De Liverpool*

Andréia de Oliveira Alencar Iguma (Universidade Federal de Uberlândia)

A discussão acerca da relação entre literatura e outras artes ocupa cada vez mais espaço no que tange os estudos literários na contemporaneidade, em especial, no campo da literatura comparada, uma vez que as pesquisas que sustentam a referida teoria estão intimamente ligadas a essa área de investigação. Desse modo, a fim de sustentar teoricamente a reflexão que almejamos

desenvolver em nosso quinto capítulo da tese de doutoramento – em fase final – escrita sob orientação da Profa. Dra. Marisa Martins Gama-Khalil, no PPG em Estudos Literários da Universidade Federal de Uberlândia – UFU, nos apoiaremos no texto basilar “Inter textus/ Inter artes/ inter media” (2006), cunhado pelo estadunidense Claus Clüver, da Universidade de Indiana, uma vez que nos interessa analisar as relações interartísticas, literatura e música, a partir de duas obras expressivas que compõem nosso *corpus* de pesquisa: *O garoto que não era de Liverpool* (2006), de Caio Riter; *Marginal à esquerda* (2009), escrita e ilustrada por Angela Lago. As narrativas supracitadas trazem em seu bojo a música como importante processo de subjetivação na construção das personagens protagonistas.

Em *O garoto que não era de Liverpool* (2006), o protagonista é Marcelo, um garoto de 15 anos, fã dos Beatles, gosto herdado pelo pai adotivo, e que se mantém como um forte elo no decorrer de toda a obra. O adolescente, após a descoberta traumática em uma aula de Biologia de que não é filho biológico de quem julgava ser, apresenta uma crise de identidade. As músicas dos Beatles contribuem em sua autodescoberta e, ainda, na relação com a namorada ao trocarem excertos de canções que os levam a diversas reflexões.

Em *Marginal à esquerda* (2009), Pivete, protagonista da narrativa, é um garoto condenado ao mundo do crime, porém é por meio do contato com o violino que sua vida é ressignificada, pois ao se descobrir como músico, recebe a proposta de integrar uma orquestra. Em consonância, trazemos à baila o célebre ensaio “O direito à literatura”, onde o mestre Antonio Candido (2004, p. 172) trava uma importante discussão acerca da arte como direito de todos ao validar que precisa haver um rompimento da segregação milenar que limita seu alcance, “o próximo tem direito, sem dúvida, a certos bens fundamentais, como casa, comida, instrução, saúde, coisas que ninguém bem formado admite hoje em dia que sejam privilégios de minorias, como são no Brasil. Mas será que pensam que o semelhante pobre teria direito a ler Dostoiévski ou ouvir os quartetos de Beethoven?”. Diante da breve exposição das duas obras selecionadas e a voz de Candido, nos interessa, para este estudo, averiguar de que maneira a música, dentro da literatura juvenil brasileira, contribui para o processo de subjetivação (Foucault, 2010) das personagens protagonistas, que se encontram na emblemática fase categorizada como juventude (Groppo, 2017).

A receção dos clássicos na literatura para a infância e juventude

Carlos Nuno Granja Oliveira (Universidade de Coimbra)

O desenvolvimento da LIJ tem vindo, principalmente nas últimas décadas, a avançar em passo acelerado, assimilando novas dimensões, num contexto bem definido, em que a sua estrutura formal permite uma definição clara dos seus conceitos. Um texto para crianças, apesar da sua abrangência, está marcadamente alinhado para chamar a atenção e a compreensão de uma criança ou de um jovem. Esta rápida evolução dos tempos fez com que a área de ação da LIJ também se adaptasse às novas vicissitudes da sociedade e aos gostos desta em geral, bem como das crianças e jovens na especificidade. Com a concorrência feroz das novas tecnologias, aqueles passaram a ser tentados com outras plataformas de leitura, que não apenas o tradicional livro em papel. Ainda assim, permanece consolidado o gosto das crianças pelo livro, não tanto do jovem, mas essa discussão está à margem do objetivo desta comunicação. A importância dos textos clássicos e a sua influência na literatura dos diversos países foram sendo visíveis ao longo das décadas, atingindo relevo pela via da imitação dos modelos inscritos, fossem de origem grega, fossem de origem latina. Muitos poetas de outrora e muitos romancistas de agora foram usando os diversos modelos clássicos para se inspirarem, usando-os como pontos de partida para as suas criações literárias. Sabendo desta influência dos textos clássicos na literatura dita para adultos, importa perceber se tem existido essa transmissão textual, se acontece essa intertextualidade no domínio da LIJ. Se poetas como Homero ou Vergílio, se histórias como a *Odisseia* ou a *Eneida*, se personagens como Ulisses ou Eneias chegam ao conhecimento dos mais jovens e de que forma isso acontece. O meu objeto de estudo na dissertação de mestrado em Estudos Clássicos na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra reporta-se à receção dos clássicos na literatura portuguesa, especificamente na obra de um romancista português. Contudo, interessa-me, por razões muito válidas, estudar essa receção no âmbito da LIJ, pesquisando sobre escritores e poetas portugueses que tenham entrado nessa dimensão dos clássicos para reinventarem histórias, fazendo também a relação do texto com as ilustrações, que podem ser representativas do imaginário das narrativas únicas da Antiguidade Clássica. As histórias dos super-heróis, da mitologia e dos deuses serviram (e ainda servem) de inspiração a muitos escritores por muitos séculos e na atualidade. A imitação literária era bastante

aceitável na Antiguidade Clássica, entre gregos era comum acontecer. Os romanos fizeram a recepção cultural dos fundamentos artísticos gregos em diversas áreas e reconverteram essa arte, transformando-a e transmitindo-a através da expansão do seu território. O latim passou a ser uma linguagem de grande dimensão na Europa, mas apenas acessível aos intelectuais. A recepção dos clássicos permitiu a sua introdução em escolas e universidades. Portanto, estes textos foram de grande utilidade para a construção do conhecimento e das regras gerais na vivência das sociedades. É importante, por conseguinte, investigar se as crianças e jovens têm, nos dias de hoje, “acesso” a esses textos e de que maneira é que o mesmo vai sendo estabelecido.

Escritas da imaginação: A criação autobiográfica na infância

Carolina Malta Cardozo Pezzoni (Universidade do Porto)

Este estudo está a desenvolver, por meio de técnicas de escrita autobiográfica, um método de intervenção narrativa para instrumentalizar crianças em situação de risco psicossocial a criarem histórias mais coerentes e integradas a partir de suas experiências de vida. Ele encontra suas bases na psicologia narrativa, abordagem dedicada ao estudo da natureza narrativa da conduta humana (Sarbin, 1986), ou seja, a capacidade inata dos indivíduos para organizar conhecimentos e experiências pessoais na forma de histórias, dotando-os de significados próprios (Bruner, 1990).

De acordo com esta perspectiva, a forma como as pessoas escolhem integrar e contar os eventos de suas vidas não apenas reflete mas molda quem são. Por isso, a literatura científica estabelece uma relação entre possuir uma rede mais flexível de narrativas e uma melhor capacidade de adaptação do indivíduo (Gonçalves, 2000). A organização dos eventos de vida em um todo coerente também indica maior capacidade de lidar com eventos negativos de forma construtiva, com níveis mais elevados de *coping*, resiliência e bem-estar (McAdams & McLean, 2013).

Embora a comunidade científica assuma que a produção da narrativa de vida no sentido estrito não aconteça antes da adolescência (Habermas & Bluck, 2000), sabe-se que todos têm uma aptidão prévia para o significado e para a construção de narrativas (Bruner, 1997), assim como existem elementos que

permitted affirm that children and young people also succeed in constructing life narratives after selecting and writing important events of their lives (Habermas & Silveira, 2008; Reese et al., 2010). Besides that, children acquire narrative competencies through social interactions supported by adults and benefit from the “scaffolds” – concept of Vygotsky – for the purpose of offering appropriate supports so that the learner reaches new levels of knowledge –, obtaining thus higher levels of narrative complexity (Fivush & Baker-Ward, 2005).

In light of these precepts, we saw the potential in working with children attending to their educational needs through an Association in the city of Porto, offering writing autobiographical workshops. They were organized, in November 2018, in three sessions with three distinct groups, one of them with children between 6 and 9 years and two with children between 10 and 14 years, with emphasis on the creative element in the activities – which, according to Gonçalves (2000), allows constructing multiple and rich meanings of reality, facilitating transformation and the subject's development as a project.

The production resulting from the encounters is in the analysis phase, according to instruments previously established, starting from what is intended: (1) to describe how children organize their life story through writing autobiographical, evaluating their productions in terms of coherence and complexity (the main elements of narrative organization); and (2) to evaluate the potential of the model applied for the improvement of narrative competencies in childhood – recognized as fundamental for the person's healthy development, just as for the construction of a resilient self (Gonçalves, 2000; Fitzhardinge, 2008).

Tendências contemporâneas brasileiras da Literatura para a primeiríssima infância

Cássia Vianna Bittens (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP)

The present summary has as its objective to present the dissertation “The literary universe within reach of those who do not yet read: contemporary trends in children's literature”. The referred study was directed by the questions: Which are some of the main trends, in terms of project design,

ilustração e texto, nos livros preferencialmente endereçados aos bebês (zero a três anos) na contemporaneidade brasileira? Como os valores simbólicos da linguagem podem contribuir para a educação da criança em sua tenra idade? Para efetuar esse percurso, selecionou-se como *corpus* de pesquisa dez títulos que compuseram o acervo do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) 2014, endereçados a crianças entre zero e três anos. Como hipótese, foi sugerido que estes livros trazem elementos específicos e particulares que caracterizam tendências dos livros para primeiríssima infância no projeto gráfico, na ilustração e no texto, sendo, portanto, passíveis à análise literária; e que, no contato com a Literatura, os bebês apreendem a linguagem estética. A pesquisa – qualitativa, exploratória e descritiva – foi desenvolvida em três capítulos. No capítulo I, discutiram-se as razões para a abordagem do tema na atualidade, apresentando o desenvolvimento da criança pequena e o encontro entre a Literatura e o bebê, recorrendo às reflexões de Bernard Golse, Antonio Candido e Bettina Kümmerling-Meibauer. No capítulo II, apresentou-se o *corpora* deste estudo e a justificativa de sua escolha. Em adição, abordou-se o PNBE e seu acervo para primeiríssima infância, bem como os critérios de avaliação estabelecidos na dissertação para a análise do *corpora*. No capítulo III, analisaram-se os livros em termos de projeto gráfico, de ilustração e de texto, valendo-se das considerações de Rosinha, Sophie Van der Linden e Ana Margarida Ramos no que se refere ao projeto gráfico; de Adriana Baptista e Annete Werner no tocante à ilustração; e de Antonio Candido, Octavio Paz e Kathleen Ahrens nas reflexões acerca do texto literário. Como resultado, observou-se que falta consistência e coerência ao se tratar a leitura literária na primeiríssima infância no Brasil. No entanto, vislumbrou-se ser possível a ação de propiciar uma aprendizagem estética neste período do desenvolvimento. Dentre os traços em comum encontrados no acervo analisado, no tocante ao projeto gráfico, observou-se a preferência pelo livro no formato quadrado, numa média de 32 páginas e papel selado com uma película, tornando-o mais resistente; ressaltamos que, na análise, os exemplares com menor altura foram os que mais se adequaram em proporcionar autonomia ao bebê. Acerca da ilustração, as páginas duplas com o espaço gráfico tomado por cores sólidas, assim como o equilíbrio na quantidade de imagens, mostraram-se como uma tendência neste tipo de produção. Por seu turno, no texto, predominaram personagens animais e o uso dos pronomes pessoais no singular. Isto posto, elencou-se como tendências do livro preferencialmente endereçado à primeiríssima infância no Brasil: o formato quadrado, cores sólidas e personagens animais, com o uso dos pronomes pessoais no singular.

Recriações esquecidas em livro-brinquedo do conto intemporal *A Gata Borralheira*

Diana Maria Martins (Universidade do Minho)

O presente texto centra-se num conjunto de obras – no total, três, todas vindas a lume antes de 1974 – que constituem recriações/versões do conto clássico *Cinderela* ou *A Gata Borralheira*. Tendo como objeto de estudo volumes que, editados no período do Estado Novo, apostam na valorização do *design* e na alteração da configuração tradicional do livro infantil, intui-se contribuir para a ampliação da História da Literatura Infantil e Juvenil Portuguesa, e de um modo mais particular, da História do livro-objeto inscrito na Literatura para a infância em Portugal, um campo investigativo ostensivamente lacunar, por via da apresentação de alguns exemplares atualmente dispersos e, por vezes, pouco acessíveis. Inscritas num período que cremos seminal da História do livro-brinquedo no contexto nacional, estas reinvenções do referido conto de tradição oral, amplamente difundido em traduções, adaptações e revisitações diversas até à contemporaneidade, tendem a aproximar os pequenos leitores do livro pelo fomento de laços afetivos com este objeto, seguindo de perto uma das tendências atualmente crescentes da produção literária. Inquestionavelmente plural no que à variedade de oferta editorial e à receção diz respeito, o universo da criação literária, por exemplo de álbuns para a infância ou de livros não ficcionais, tem vindo a apostar cada vez mais na inclusão de elementos distintivos, estimulantes e visualmente sedutores, resultando não raras vezes em objetos artísticos desafiadores, não apenas no que à leitura diz respeito, mas também no que concerne à própria investigação, exigindo-se uma leitura articulada (plural) entre texto, imagem e suporte. Por via da mobilização de conhecimentos do âmbito dos estudos literários e das técnicas de análise textual, mas também do *design* e da ilustração, será feita uma abordagem interpretativa de um *corpus* restrito, a saber: *A Gata Borralheira* (Majora, s/d), *A Gata Borralheira*, com ilustração e *design* do arquiteto e artista checo Vojtěch Kubašta (Gonçalo W. de Vasconcelos - Electroliber, s/d) e *A Gata Borralheira*, de Costa Barreto (ilust. de César Abbott) (Majora, s/d). A definição deste conjunto teve em consideração a diversidade verbo-icónica e plástica, bem como de estratégias gráficas/visuais (por exemplo, ao nível do próprio material de composição/produção do livro). Procuraremos, ainda, dar a conhecer sucintamente o contexto histórico-cultural, numa tentativa de situar o nosso *corpus*, sublinhando e atendendo à

permeabilidade da escrita para a infância de então aos valores axiológicos dominantes no regime salazarista.

Da estranheza ao estelato: a expressão artística e os papéis masculinos na literatura para a infância

Emanuel Madalena (Universidade de Aveiro)

Em 1988, Perry Nodelman escreve, num editorial, que a literatura para a infância, independentemente do género do autor, se aproxima da escrita feminina por responder à repressão através da procura de formas alternativas de descrever a realidade, muitas vezes em “tales of repression or as wish-fulfillment fantasies of escapes from repression” (Nodelman, 1988, p. 33). Como as crianças partilham com as mulheres uma condição sociocultural de alteridade, é natural que a literatura para a infância se foque “on the lives of people (or animals) without power; children both male or female who must cope with a hierarchy that places them at the bottom” (*idem*). Um expediente comum nas narrativas da literatura para a infância é precisamente o tratamento, mais ou menos abstrato mas central, do tema da diferença, com o conseqüente objetivo de inculcar valores de empatia, tolerância e aceitação. Em narrativas clássicas como *O Patinho Feio*, de Hans Christian Andersen, ou *A História de Ferdinando*, de Munro Leaf, encontramos protagonistas que não vão ao encontro das expectativas dos outros, sublinhando-se as diferenças com os demais, num tipo de histórias que podemos chamar de “alegorias da diferença”, por permitirem vários níveis de leitura entre um sentido literal e outro profundo.

Na sequência da nossa investigação de doutoramento sobre a diversidade de género na literatura para a infância, vimo-nos debruçando quer sobre o potencial das “alegorias da diferença” mais abstratas, quer sobre as que utilizam a diversidade na expressão de género como foco da diferença. Nestas últimas, verificamos amiúde a importância da expressão artística para o estabelecimento de uma diferença importante – a subversão dos papéis tradicionais de género. Neste caso, é nas personagens masculinas que recai o opróbrio da diferença: na literatura infantil (quando espelha, e por vezes questiona, o sexismo da sociedade em geral), os rapazes podem ser e fazer tudo, exceto serem bailarinos ou artistas, por exemplo – além de, claro, todos os outros interditos “não-artísticos” da masculinidade, como mostrar emoções ou fazer

trabalhos domésticos (cf. Frosh, Phoenix, & Pattman, 2002; Nayak & Kehily, 2013).

O objetivo deste trabalho é a) descrever, analisar e interpretar as representações da expressão artística dos protagonistas masculinos de 5 livros que trabalham a diversidade de género, b) avaliar o carácter essencial dessas representações para o estabelecimento dessa diferença em relação ao padrão dos papéis tradicionais reservados ao género masculino, e c) iluminar a relação e reação das outras personagens perante essa expressão artística, como vigilantes e impositores da masculinidade normativa. Os livros do *corpus* representam várias formas artísticas e incluem desde um clássico dos anos 70, *Óliver Button is a Sissy*, de Tomie dePaola (1979); até livros publicados na atualidade, como *Julián is a Mermaid*, de Jessica Love, e *Um Crocodilo de Vestido!*, de Jeanne Willis, ambos de 2018; mas passando também em 2002, com *The Sissy Duckling*, de Harvey Fierstein; 2005, com *Bernardino*, de Manuela Bacelar; e 2014, com *Morris Micklewhite and the Tangerine Dress*, de Christine Baldacchino.

A Metaficção nas obras de Lygia Bojunga: a revelação da autorreferencialidade

Gabriela Trevizo Gamboni Patrocínio (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP)

Essa pesquisa tem por objetivo estudar a autorreferencialidade nas obras *Intramuros* (2016), *Retratos de Carolina* (2002) e *Fazendo Ana Paz* (1991), de Lygia Bojunga, no intento de estabelecer suas correlações no tocante ao emprego das estratégias metaficcionais, tendência essa expressiva na literatura juvenil contemporânea. Almeja-se, além da identificação de tais estratégias, refletir acerca da autorreferencialidade como motivadora e instigadora de um leitor mais reflexivo e crítico, haja vista que, ao se deparar com narrativas metaficcionais, esse leitor não será apenas um mero consumidor, mas sim um colaborador na construção dessas narrativas. A participação do leitor nessa (re)construção do texto literário acaba por ser um convite a experimentar os bastidores da produção artística, incitando-o a tornar-se mais reflexivo e a realizar uma leitura menos ingênua.

A recorrência às estratégias metaficcionais evidencia-se nas três obras em estudo, mantendo, entretanto, peculiaridades: em *Fazendo Ana Paz* e *Retratos*

de Carolina temos a denúncia da escrita lygiana. No entanto, na segunda obra, essa denúncia vai além: cede espaço para a própria Lygia revelar a corporalidade verbo-visual, a manipulação lúdica da linguagem poética, a articulação de vozes discursivas e a dramatização, concretizadas performaticamente em sua narrativa. Na verdade, não se configuram processos compositivos isolados, mas antes se entrelaçam em uma intrincada teia, cujos fios cabe ao leitor, pouco a pouco, desenredar em seus atos de apreensão do texto. Em *Intramuros*, Bojunga parece atingir o ápice do seu projeto estético, pois, além de discutir o próprio fazer literário – como nas duas outras obras mencionadas –, rompe vertiginosamente com um tradicional pacto de leitura, à medida que se ficcionaliza e, em um ato performático, se constrói discursivamente junto à sua narrativa, elaborando uma ficção em que, mais do que representação, assistimos a uma inscrição do eu. Por meio da narrativa meta e auto-ficcional, da mescla entre dados reais e ficcionais, Lygia Bojunga convida o leitor a decodificar os limites entre o real e o ficcional, solicitando-lhe um comportamento interpretativo de natureza crítica em vez do consumo meramente ingênuo e passivo do texto, conduzindo-o a reconhecer a sua própria identidade como uma construção discursiva.

Para fundamentar a investigação, recorreremos às concepções teóricas de Linda Hutcheon (1984), Patricia Waugh (1984), Teresa Colomer (2003) Gustavo Bernardo (2010), Diana Klinger (2016), dentre outros.

Livros que os adultos ouvem, músicas que as crianças leem Inês Costa (Universidade de Aveiro)

Neste trabalho, propomo-nos a analisar duas obras infantis que surgiram a partir de poemas musicados com destinatário preferencialmente adulto. Interessa-nos, por um lado, compreender como se dá a transmedialidade – a passagem de um formato (canção) para outro (livro-álbum) – e que implicações dela decorrem; por outro, analisar se, e de que forma, ocorre a mudança de destinatário preferencial.

Não se trata de usar como objeto de estudo poemas infantis (ou não) que foram posteriormente musicados (para alguns exemplos, cf. Gomes [2017]), ou canções que procuraram desde o início um destinatário preferencialmente infantil, muitas vezes recorrendo a temas e estruturas fônico-rítmicas que vão ao encontro das preferências das crianças (sobre estas, refira-se o trabalho de

levantamento de Sara Reis da Silva [2010] de várias propostas de cancionários infantis; note-se, também, o trabalho de Linda Leonard Lamme [1979], que defende a atribuição de um género próprio para os “song picture books”, e o de Calogero [2002], sobre as potencialidades da união de música e literatura e que inclui uma proposta de divisão em oito categorias de livros infantis intimamente ligados à música). Rejeitámos, também, composições de tradição popular, por serem facilmente reconhecidas por todos – crianças e adultos – e desafiarem o conceito de público-alvo.

A estratégia de transformar canções, com características semelhantes às que escolhemos para este trabalho, em livros ilustrados para crianças não configura uma novidade editorial – veja-se, sobretudo no mercado anglo-saxónico, as adaptações de músicas de membros dos Beatles (*Imagine*, 2017; *Octopus’s Garden*, 2014), de Bob Marley (*One Love*, 2011) ou, mais recentemente, de Pharrell Williams (*Happy!*, 2016). É, no entanto, um fenómeno relativamente invulgar em Portugal. A par das edições da Planeta Tangerina que aqui nos propomos analisar, ocorre-nos uma nova coleção da editora Alfaguara, dirigida por Afonso Cruz e com nome homónimo, que acolheu o livro *A Banda* (2017), com texto de Chico Buarque e ilustração de Nádía e Tiago Albuquerque. Para além desta, também a editora Quasi publicou, em tempos, numa coleção infantil, um tema muito conhecido da música popular brasileira: “Leãozinho”, de Caetano Veloso (em livro, *O Leãozinho* [2007], com ilustrações de Gabriela Sotto Mayor).

Neste estudo, focar-nos-emos nas obras *O Primeiro Gomo da Tangerina* (2010) e *Imagem* (2016), com textos, respetivamente, de Sérgio Godinho – um autor/compositor que, em vários momentos, se aproximou da produção destinada às crianças (veja-se, por exemplo, a música “É tão bom”, genérico da série infantil *Os amigos do Gaspar*, ou a participação em projetos como *A Casa do Silêncio* [2000], sem esquecer, claro, a sua produção literária infantil); esta canção, porém, foi incluída num álbum de destinatário preferencialmente adulto – e Arnaldo Antunes e ilustrações de Madalena Matoso e Yara Kono. Procuraremos, assim, analisar as características temáticas destas obras e dar conta do contributo das ilustrações para um novo entendimento do poema-canção e do modo como este novo formato permitiu direccionar o mesmo texto para públicos diferentes, num processo artístico que faz dialogar artes como a literatura, a música e a ilustração.

Os bebês e os livros: um estudo sobre a edição para pré-leitores

Jessica Franco Spilla Costa (Universidade de Aveiro)

O presente estudo tem o propósito de apresentar as peculiaridades dos livros para bebês em vieses de estrutura, estética e conteúdo e, para tal, recorre-se à história das tipologias de livros hoje consagradas no que diz respeito a essa faixa etária, com a intenção de compreender porque tais materiais e recursos gráficos foram aceitos pelo mercado editorial e pelos seus compradores como adequados. Após a revisão da literatura, são destacadas as dez tipologias mais encontradas nas livrarias contemporâneas, a saber: os livros cartonados, de pano, de banho, toque e sinta, sonoros, com abas, *pop-ups*, com fantoches, perfurados e os livros de imagem, que compõem o grupo dos chamados livros-objeto ou livros-brinquedo. Além de remontar à origem dessas tipologias e analisar os materiais gráficos e recursos de *design* empregados para a elaboração desses livros, o estudo também propõe uma pesquisa qualitativa acerca do que é atualmente oferecido pelas editoras brasileiras que produzem obras para esse filão do mercado, para perceber as temáticas mais comuns encontradas nos livros, as particularidades e semelhanças entre as edições de editoras distintas e, também, traçar um panorama quantitativo acerca do que se encontra de livros originalmente brasileiros e de edições traduzidas. Para tal, foram analisados os catálogos de quatro editoras brasileiras, nos quais foram encontradas majoritariamente obras traduzidas e também impressas no estrangeiro, verificando, assim, a preferência das editoras por adquirir os direitos de publicação das obras no país e realizar o processo de tradução e edição, deixando a cargo de grandes gráficas estrangeiras, sobretudo as asiáticas, a impressão. Dessa forma, tenciona-se justificar a diferença de trabalho e logística das editoras face às edições direcionadas a outras faixas etárias, que se dá pela redução de custos e conseqüentemente do preço dos produtos, visto o emprego de uma série de particularidades que não se aplicam aos livros tradicionais.

Após fazer esse recorte centrado nos livros para bebês, o trabalho também propõe compreender o porquê e a importância de proporcionar aos bebês o contato direto com o objeto livro. Para suscitar essa questão, recorre-se aos estudos teóricos acerca da literacia emergente, trazendo à tona alguns conceitos fundamentais embasados por trabalhos de estudiosos da área. Por fim, para perceber as diferentes perspectivas sobre a função dos livros para bebês e

sua receptividade com relação aos compradores intermediários e finais, assim como os críticos das áreas de literatura e *design*, o estudo apresenta, através de pesquisas de campo e entrevistas, a popularidade e aceitação dessas obras em bibliotecas públicas, clubes de leitura e premiações de renome.

É sabido que o trabalho levanta muitas questões e circula por muitas áreas do conhecimento dentro do universo editorial, por isso não pode responder com exatidão e nem com argumentos suficientes a todos esses tópicos. Entretanto, a função desse estudo é justamente fomentar a pesquisa acadêmica, a discussão e o interesse por esse filão editorial, que, apesar de já ter obtido o seu espaço nas prateleiras das livrarias, ainda carece de ser analisado em muitos aspectos.

La reescritura de la literatura popular hispánica a través de la colección de literatura infantil “El Pico de la Cigüeña”

José Soto Vázquez (Universidad de Extremadura)

Ramón Tena Fernández (Universidad de Extremadura)

El Grupo de Investigación “LIJ” (SEJ036) de la Universidad de Extremadura es el responsable de la publicación de la colección “El Pico de la Cigüeña. Cuentos populares extremeños ilustrados”, en la que se recogen algunos de los más fascinantes cuentos populares de la tradición extremeña, cuidadosamente seleccionados, adaptados, ilustrados y traducidos entre otras lenguas al inglés, francés, alemán, ruso o polaco. Hasta la fecha, se han editado 9 volúmenes de la colección que sigue activa a día de hoy. Desde orígenes remotos, estas narraciones se han transmitido de generación en generación a través de distintas versiones de la tradición oral europea.

Casi desaparecidos hoy del habla popular, se rescatan ahora del olvido y se presentan a los niños en una cuidada edición llena de colores e imágenes. Hasta ahora, Extremadura contaba con numerosas recopilaciones de cuentos populares a cargo de grandes folkloristas (Sergio Hernández de Soto, Marciano Curiel Merchán o Juan Rodríguez Pastor); sin embargo, nunca se había hecho el esfuerzo de adaptarlos para los primeros lectores y de acompañarlos con ilustraciones. Con esta edición, el Grupo de Investigación LIJ de la Universidad de Extremadura, apoyado por el Servicio de Publicaciones

de la Diputación de Cáceres, pretende acercar estas narraciones a los jóvenes lectores a fin de rescatar estas tradiciones que forman parte de nuestra forma de ver el mundo, de nuestros miedos y de nuestras ilusiones.

La metodología ha llevado desde la selección y adaptación de los textos (de distintas épocas, géneros literarios y distintos recopiladores); la gestión editorial de la colección en cada uno de los países donde se edita la colección; las selecciones de lenguas de traducción y su edición internacional; la organización de las ilustraciones que componen la colección; así como la producción de versiones de audio de las narraciones contenidas en varios de los volúmenes editoriales; unido todo ello a un pormenorizado plan de difusión que la ha transmitido en países como Grecia, Italia, Alemania, Francia, Bélgica, Portugal o Colombia, entre otros.

Para ver o tempo: relações entre recursos visuais e materiais na representação da temporalidade nos livros de imagens

Júlia Andrade (Universidade de Coimbra)

O atual trabalho pretende discutir como o tempo, componente narrativo relacionado à arte da escrita, é representado em dois livros de imagem, sendo eles *Praia mar* (2011) e *Um dia na praia* (2013), ambos de Bernardo Carvalho da editora Planeta Tangerina. O primeiro título aborda como a subida da maré modifica a experiência das pessoas na praia e o segundo conta a história de um homem que vê seu dia de descanso alterado pela presença de um objeto estranho no mar. As obras apresentam ordenação cronológica bem delineada, compreendendo o período de algumas horas no dia. Além de ambos serem ágrafos, possuem a mesma temática, o mar. Sob perspectivas diferentes, o elemento é explorado por meio de recursos para sugerir a quebra do tempo mais linear.

Por se tratar de livros sem palavras, não haveria como representar a causalidade e a temporalidade, pois as imagens seriam descontínuas e sua duração difícil de determinar (Nikolajeva & Scott, 2011). Em função dessa singularidade, as obras ágrafas discutem a respeito da relevância da componente imagética na construção da história, em que o aprimoramento das técnicas gráficas no meio editorial, como a impressão *offset*, aliadas ao

desenvolvimento e à divulgação do álbum ilustrado – categoria editorial pautada pela intersecção de palavra, imagem e suporte – seriam fundamentais na concepção da passagem do tempo nesses títulos. O livro de imagens também revelaria contaminações com outros campos artísticos, como os quadrinhos, a colagem e a linguagem cinematográfica, que auxiliariam na criação do decurso do tempo e trariam à tona a importância da narrativa visual nas obras literárias. Nos dois exemplares em foco, a duração e o movimento seriam construídos por diferentes mecanismos, mas com pontos de contato, como o uso do código bibliográfico enquanto componente da trama.

Neste sentido, este trabalho procura analisar como os recursos visuais e materiais atuam na linguagem imagética para produzirem a percepção do fluxo do tempo e da ruptura em sua linearidade nos livros sem palavras, mostrando como a inferência do leitor nessa questão necessitaria estar articulada com estratégias empregadas pelo ilustrador/*designer* na obra. Por meio da análise das ilustrações e da materialidade do suporte, pretende-se refletir como o papel escolhido, o formato, o enquadramento, a relação sequencial entre imagens dentre outros mecanismos presentes na representação da temporalidade influenciariam as práticas leitoras e poderiam conferir várias interpretações para os dois títulos selecionados. Assim, busca-se colaborar para os estudos da leitura de imagem e do álbum ilustrado, utilizando como principal aporte teórico as reflexões de Lee (2012), Ramos (2011), Ramos (2017), Oliveira (2008), McLoud (1995), Ryan (2012).

Mutações do elemento maravilhoso no conto de fadas contemporâneo: *Uma noite muito, muito estrelada*, Jimmy Liao e *A princesinha medrosa*, Odilon Moraes

Juliana Gonçalves Mutafi (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP)

O presente projeto propõe a análise das histórias *A princesinha medrosa* (2017), de Odilon Moraes, e *Uma noite muito, muito estrelada* (2016), de Jimmy Liao, sob a perspectiva do conto de fadas e suas formas simples: o mito e o maravilhoso, compreendendo como se dá a mutação das personagens dentro da narrativa verbal e imagética.

Iniciando com as definições do que entendemos por mito e maravilhoso no conto de fadas, traçaremos um diálogo com o pensamento de Andre Jolles (1976) e as histórias em análise. As duas narrativas, de Moraes e Liao, trazem em si grande relação com os elementos da natureza, enfatizando a relação das personagens com as estrelas e o sol, e em segundo plano, a existência do contato com a floresta, a lagoa e os animais. As narrativas se entrelaçam na semelhança estabelecida com relação às perguntas realizadas ao universo e é, através dele, que esperam as respostas. Esta ação entre perguntas e respostas ao universo é caracterizada por Jolles como a forma simples do Mito.

Para a compreensão do elemento maravilhoso nas narrativas de Moraes e Liao, aproximamos-nos de Vladimir Propp (2001). Segundo Propp, os contos maravilhosos podem apresentar 31 esferas das personagens e, estes, contribuem para a conexão dos elementos e a configuração do gênero. Propp assinala ainda que as esferas das personagens não necessitam de ordem linear, teoria desenvolvida na obra *Morfologia dos contos*. Em diálogo com Propp, de relevância para o estudo, abordaremos as concepções de Jacques Le Goff (2010), Tzevan Todorov (2013) e Nelly Novaes Coelho (2000), seguindo critérios críticos literários entre as teorias e definindo um pensamento que acompanhe nossa pesquisa. Considerando que temos, nas duas histórias, cenários semelhantes entre si e em consonância com o maravilhoso, poderemos identificar estes espaços de acordo com a literatura de Regina Michelli (2010). Complementando com Propp (1984), que assinala, no artigo “Transformações do maravilhoso”, as reduções de elementos e suas modificações dentro deste gênero, e a partir destes conceitos, falaremos das contemporaneidades presentes no *corpus* analisado, da perspectiva do visível, a narrativa verbal, e do invisível, a imagem.

Observamos, ainda, o espaço em transição e mudança nas duas obras. A *princesinha medrosa*, apresentada em suas imagens de forma simples e pinceladas mais leves, oferece ao leitor um campo de imaginação e potencial criação de acontecimentos e cenários; para Sophie Van der Linden (2010) há intencionalidade nos “brancos” presentes na ilustração, estes atuam com a função do “não dito”, entre o verbal e a imagem. Jimmy Liao utiliza o recurso de prolongamento de tempo na utilização da técnica de sequência de imagens; operando assim sem o movimento tradicional de imagem e texto, convida o leitor a experienciar uma leitura ativa (Linden, 2010, p. 114) e conduz a um hibridismo entre a história *Uma noite muito, muito estrelada* e as dos artistas René Magritte e Van Gogh.

As enciclopédias para a infância e o seu contributo para a construção do conhecimento e para a promoção do livro e da leitura

Juliana Martins Teixeira (Universidade do Minho)

A importância de se promover um contacto precoce com o livro e com o código escrito é indiscutível. Sabemos, no entanto, que a formação leitora é um processo contínuo que não pode estar limitado à abordagem levada a cabo pela escola. Da mesma forma, na fase que antecede a aprendizagem formal da leitura e da escrita, a emergência destes processos prevê um contacto diversificado com os livros, não se devendo cingir à exploração de textos literários. Este alargamento de experiências de leitura permitirá à criança aperceber-se, gradualmente, das diferenças entre textos e dos fins a que se destinam.

Constatando-se, efetivamente, uma forte presença do livro informativo nas salas de jardim de infância, importa refletir sobre o uso que está a ser feito destes objetos. A mesma análise deve ser dirigida ao 1.º Ciclo do Ensino Básico, onde a utilização do livro informativo é, praticamente, impercetível. Na verdade, a intencionalidade formativa do leitor, muito associada a estes objetos, parece afastá-los das propostas de promoção da leitura na infância, sobretudo no contexto pré-escolar.

O intuito desta comunicação é relatar a minha experiência enquanto mestrande do curso em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, da Universidade do Minho, atualmente em estágio, e a desenvolver a minha investigação em torno das enciclopédias para a infância. Deste modo, pretendo clarificar o papel destes objetos quanto ao seu potencial formativo e de promoção da leitura junto de pré-leitores e leitores iniciais.

É igualmente importante identificar os diferentes tipos de enciclopédias com que as crianças contactam, bem como perceber de que modo a sua utilização pode resultar em projetos e estratégias pedagógicas válidos para educadores e professores. O impacto das propostas apresentadas às crianças durante a minha prática pedagógica é outro elemento que pretendo divulgar nesta comunicação. A par disto, pretendo, também, partilhar o modo como articulei a temática do meu Projeto de Investigação e Ação Pedagógica com o projeto pedagógico das instituições e das turmas onde estou a desenvolver a minha intervenção.

As propostas a apresentar no âmbito do projeto que estou a desenvolver em contexto pré-escolar e com uma turma do 4.º ano do Ensino Básico irão integrar uma investigação que envolverá uma equipa da Universidade do Minho, da Universidade de Saragoça (Espanha) e de uma escola primária de Oxfordshire (Inglaterra), entre outros parceiros do projeto Erasmus+ Living Among Books. O estudo incidirá sobre as boas práticas de mediação leitora na infância, prevendo o levantamento e o intercâmbio das mesmas.

Children of the Sun, the Stars and the Moon: Silence, Voice and Racial Representation in Effie Lee Newsome and Jacqueline Woodson

Liliana Costa Santos (Universidade de Coimbra)

Children's and young adult (YA) literature are still frequently perceived as minor literary categories. Keeping in mind that these categories are considered to be led by women, it is possible to understand why, in a Western society dominated by Eurocentric white male perspectives, the voices of women, children, and young adults are targets of silencing. Aside these facts, there are several areas of research, such as education, feminist, cultural and literary studies, which now approach issues concerning children and young adults, therefore contributing to give them a voice. As such, matters of representation, inclusiveness, citizenship and didactics are becoming imperative in critical studies of children's and YA literature.

Despite the concern with representation and multiculturalism in children's and YA literature in the United States of America, African American individuals, as well as other people of color, are still underrepresented in literature – and when they are, sometimes they fall into misrepresentation on account of racial stereotypes. It is precisely to avoid misrepresentation of African Americans that several writers and illustrators, mainly since the Harlem Renaissance and up until now, have been trying to give children and adolescents both a presence and a voice – fighting against prejudice, claiming for equality and pride, and trying to provide means of identification to the ones who they know are going through crucial developmental stages in their growing process.

Reflecting about silence, voice and racial representation in African American children's and young adult literature through the works of black female writers is not uncharted territory (Rountree, 2008; BaxleyBoston, 2014). However, I believe that approaching this theme by analyzing the similarities and/or differences regarding the aesthetics of African American representation in such different historical and cultural time framings, both through text and image, having as object the works of the almost unknown Harlem Renaissance writer Effie Lee Newsome and the contemporary award-winner Jacqueline Woodson is an original contribution to that debate. Even though Jacqueline Woodson has many papers and journal articles written about her work, the same does not apply to Effie Lee Newsome. Apart from scholars Donnarae MacCann (1988) and Rudine Sims Bishop (1999), no others seem to have focused their efforts on giving Newsome her merited and rightful place in the field.

With this project I aim to understand how silence, voice and racial representation are portrayed/achieved – both through text and illustration – in children's and YA literature by comparing the period of the Harlem Renaissance and of the present “post-racial” moment. My purpose is to analyze how these depictions may or may not have changed with time. For this, I will take a comparative approach to works by African American writers Effie Lee Newsome (1885-1979) and Jacqueline Woodson (1963-).

I believe that this reflection will be of extreme importance not only for African American children and young adult literary studies, but also to American studies in general, as it will combine several perspectives: the intersectionality of race and gender, as well as post-colonial and cultural theories, proving the comprehensiveness of the area.

Ler com olhos de ver: a ilustração como forma de promoção da leitura

Maria João Mota Pinto da Silva (Bib. Mun. Camilo Castelo Branco)

O projeto “Ler com olhos de ver: a ilustração como forma de promoção da leitura” foi o trabalho final de mestrado em Animação da Leitura e pretendia investigar e refletir sobre o papel das ilustrações dos livros infantis na promoção da leitura junto das crianças.

Considerando que vivemos numa “civilização da imagem” onde somos constantemente confrontados com um mundo visual, com uma linguagem própria cheia de signos e significados, considero que compete à escola e ao professor ensinar as crianças a compreender toda esta cultura visual que as rodeia. No entanto, o próprio sistema de ensino desvaloriza a importância e a influência que a linguagem e a cultura visual têm na formação global da criança. O próprio professor nem sempre se sente motivado e preparado para conseguir transmitir e ensinar tais conhecimentos, muitas vezes por falta de formação nesta área.

Assim, este projeto tinha como objetivo indagar sobre as estratégias que poderiam ser utilizadas para promover a leitura junto das crianças, utilizando como recurso a imagem, fornecendo, para isso, aos professores e técnicos de biblioteca ferramentas úteis que lhes permitissem trabalhar esta questão em contexto escolar de forma autónoma.

Para este projeto foi escolhido o livro infantil como objeto estruturante de trabalho. Este recurso foi selecionado dada a qualidade e criatividade que, hoje em dia, os livros infantis apresentam, primordialmente, nas suas ilustrações. Percebemos que, através das imagens dos livros infantis, as crianças conseguem interagir com o objeto livro, não só através do texto escrito, mas também da sua linguagem visual – as ilustrações –, motivando e cativando, desta forma, o interesse da criança para o livro e para a leitura. Com o livro infantil, o seu conteúdo e as suas ilustrações, a criança consegue experienciar emoções que lhe são mais apelativas, divertidas e lúdicas, sentindo, assim, curiosidade e empatia pelo objeto livro, logo, sentindo prazer na leitura do mesmo.

Para o efeito, foi montado, numa primeira fase, um projeto na área da promoção da leitura com recurso à ilustração, no qual participaram duas turmas do concelho de Vila Nova de Famalicão. De forma resumida, realizou-se, nesta fase do projeto, um encontro com a ilustradora Yara Kono, com o propósito de proporcionar às crianças o contacto direto com um autor de ilustrações de livros infantis, bem como dar a conhecer, no geral, a dinâmica e a conceção que anda à volta da ilustração. No final do encontro, as crianças realizaram um *workshop* com a Yara sobre várias técnicas de ilustração. Numa segunda fase, organizou-se uma exposição de ilustração onde estavam representadas várias obras de doze autores portugueses como: André Letria, Catarina Sobral, Júlio Vanzeler, Mafalda Milhões, entre outros; uma Feira do Livro e, no final, um *workshop* com base na exposição de ilustração patente, onde as crianças foram “críticas de arte” e ilustradoras por um dia. Nesta atividade, puderam fazer uma visita guiada à exposição, ser “crítico de arte”, analisando e indagando sobre as ilustrações e as técnicas utilizadas e registando as suas ideias e opiniões num pequeno questionário que lhes foi fornecido.

No final da visita, foram colocar em prática todas as aprendizagens assimiladas ao longo do projeto e tornaram-se, eles, ilustradores. Com um excerto de um texto, as crianças tiveram de se colocar no papel do ilustrador e passar para a folha de papel o que aquele excerto lhes transmitia, mas em forma de imagem. Os resultados deste *workshop* foram transformados numa exposição que esteve patente na Biblioteca Municipal Camilo Castelo Branco, intitulada “Porque as ilustrações também contam histórias...”

Todo o processo, desde a conceção de ideias, a prática das mesmas, conteúdos e resultados, foi apresentado, no formato de “Boas práticas”, no 7.º Encontro de Serviço de Apoio às Bibliotecas Escolares, realizado na Biblioteca Municipal Camilo Castelo Branco, para uma plateia de cento e cinquenta professores bibliotecários.

No mesmo Encontro, foi realizado um *workshop* dirigido, novamente, a este público com o título “O livro e a imagem: construção de um livro álbum”. Este *workshop* consistiu, numa primeira parte, em falar um pouco do livro infantil e da sua função artística e educativa, recorrendo a vários livros, por forma a dar aos professores a possibilidade de estarem em contacto com livros infantis de qualidade, não só literária, mas também artística e visual. Dei a conhecer, também, diferentes tipologias de livros infantis: o livro-jogo, o livro-álbum, o livro sem texto, humorístico, entre outros, todos eles com a ilustração como elemento-chave, mostrando-lhes, desta forma, o porquê de o livro infantil ser um excelente recurso para utilizar junto dos alunos, tornando-se o “pretexto” ideal para quando quisessem abordar a educação artística e a arte em contexto de sala de aula, promovendo ao mesmo tempo, através dessa abordagem, a leitura.

L’album comme outil de formation littéraire, artistique et citoyenne

Mathilde Simões (Université Lyon 2 Lumière / Universidade Nova de Lisboa)

La lecture de littérature pour enfants développe chez l’enfant des capacités intellectuelles chaque fois qu’il entreprend de pratiquer la lecture dite littéraire. La lecture littéraire va également tenter d’élargir sa connaissance dans le domaine de l’art. Le genre étudié sera ici celui de l’album puisqu’il contribue tant à l’enrichissement du bagage littéraire de l’enfant comme à

l'enrichissement de son bagage culturel. Ainsi, l'album promeut différents arts comme l'illustration, la musique, le cinéma ou la peinture afin de soutenir un projet de formation artistique.

L'album, par sa définition, est indissociable de l'illustration. L'omniprésence de l'illustration permet de mettre en évidence les identités artistiques propres à chaque illustrateur. D'après Ana Margarida Ramos, les enfants « expostos a diferentes linguagens estéticas são capazes, mesmo antes de saberem ler, de reconhecer estilos e identificar ilustradores e até exprimir preferências e justificá-las. Não pelos nomes, mas pelas cores, formas e texturas utilizadas. » L'abondance des couleurs, des formes et des matériaux contribue à l'éveil et à l'éducation artistique de l'enfant. Si l'on prend l'exemple de l'illustratrice Inês do Carmo dans l'album *7x25 – Histórias da Liberdade* et de Helena Veloso dans *Do Cinzento ao Azul Celeste*, nous notons parfaitement les différentes façons de traiter un même sujet. Inês do Carmo utilise des couleurs très vives, et les contours tranchés. Les détails ne sont pas là pour être mis en évidence ce qui est normal, puisque cette illustration est redondante au texte. Mais, afin d'attirer l'œil, les couleurs restent attractives afin d'accompagner le côté plaisant de la LEJ. Au contraire, Helena Veloso utilise des tons pastels et ses détails sont percutants.

L'album n'hésite pas à faire références à d'autres arts tels que la musique, la photographie, la peinture et même le 7^Ème art. Les auteurs de LEJ recourent souvent à l'intertextualité. Si l'on prend le cas de la musique et plus particulièrement de l'opéra, João Pedro Mésseder, dans *Romance do 25 de Abril* fait une référence claire à António Pinho Vargas qui s'est inspiré de l'écrivain Manuel Gusmão afin d'écrire ce livret. Alex Goxblau, quant à lui, introduit dans cet album l'art du cinéma et de la photographie. En effet, chaque illustration est encadrée par une pellicule de film ce qui rapproche l'ouvrage d'une production cinématographique proche du documentaire. De plus, il insère des photographies réelles dans son illustration afin de mettre en avant la véracité de son récit. L'art de la peinture est également mis en scène dans l'illustration de Ascenso Abigail lorsque le père du protagoniste peint une toile en hommage au 25 Avril de 1974. L'insertion de l'art sous toutes ses formes n'a plus que une vocation esthétique mais bien un intérêt fonctionnel.

L'enfant va acquérir, au fur et à mesure de ces lectures, une formation artistique et culturelle. À chaque consultation d'un ouvrage, sa connaissance de l'art s'affirme et sa compétence s'accroît, d'où l'intérêt de le confronter dès le plus jeune âge aux défis de la lecture littéraire, ce qui de surcroît lui apportera un certain bagage littéraire.

Exigencias de la censura franquista en LIJ destinada a las niñas

Ramón Tena Fernández (Universidad de Extremadura)

José Soto Vázquez (Universidad de Extremadura)

La censura no solo supuso una ruptura con la calidad y originalidad que años atrás se asociaban a la literatura infantil, sino que además produjo un retroceso evidente en la capacidad creativa. Situación que empeora con obras destinadas a uno de los grupos sociales más vigilados: las niñas, lectoras definidas como de mente “débil” que, mediante provechosas lecturas, debían convertirse en la perfecta mujer nacional-católica. Es decir, aquellas en las que el razonamiento y la reflexión debían ser sustituidos por la obediencia, la castidad y el esfuerzo personal. De modo que llegaran a convertirse en una figura atractiva que se pudiera exhibir en eventos sociales.

El estudio que hoy presentamos nos muestra la desaparición de los recelos de la censura con respecto a obras traducidas como sucede con Betty Cornell y su obra *Ya no eres una niña*. Su expediente de evaluación no incluye ningún tipo de tachadura, lo que demuestra su aceptación como guía juvenil para formar a “la perfecta señorita” que buscaba el Régimen. Sin duda, la antítesis de colecciones como *Celia* o *Antoñita la fantástica*, que aunque muy demandadas por los lectores fueron vulnerables al control de la censura, que supo dirimir algunas de sus diferencias más reseñables hasta convertirlas en personajes hermanados con el resto.

Experimentos de identidade em diferentes linguagens artísticas nas obras literárias de Lygia Bojunga e Alice Vieira

Renata Flaiban Zanete (Universidade do Minho)

O presente estudo é parte de uma tese de doutoramento que está sendo desenvolvida, em análise comparativa, sobre as obras literárias da autora brasileira Lygia Bojunga e da portuguesa Alice Vieira.

O terreno das artes, com suas diferentes linguagens e códigos, apresenta-se muito propício a que os adolescentes-protagonistas, meninas e meninos, expressem suas angústias, incertezas e questionamentos, na obra das autoras.

É também o espaço de experimentação do prazer, do diálogo consigo mesmo, da ampliação de possibilidades de comunicação com o mundo e de rascunhos e desenhos para o futuro.

Em *A Bolsa Amarela*, de Bojunga, a protagonista Raquel afirma querer ser escritora. Inventava uma série de personagens e, através delas, elaborava suas angústias. Já em *Úrsula, a Maior*, de Vieira, a protagonista Maria João declara que quer ser atriz. Traz textos decorados que acaba por utilizar em situações de seu quotidiano. Ensaia cenas de morte, em diferentes versões, diante do espelho de seu quarto. Em *Meia Hora para Mudar a Minha Vida*, de Vieira, a menina Branca nasce no seio do grupo teatral Feira, onde cresce e se sente realizada e para onde pretende voltar, assim que tiver independência para isso. Em *Corda Bamba*, de Bojunga, também temos esta enunciação da menina Maria que quer retornar ao espaço do circo, tão logo possa decidir sozinha sobre os rumos de sua vida. Em *Águas de Verão*, Alice Vieira nos coloca em contato com o dia a dia de um grupo de crianças em férias e o Sr. Gualberto, músico-saxofonista, que se dedica a organizar e ensaiar um Sarau com os pequenos hóspedes de um hotel, que é apresentado ao público adulto. Os desencontros e incompatibilidades são superados no desafio encarado coletivamente de uma apresentação em grupo. O mesmo clima de nervosismo e emoção diante de uma estreia e do confronto com o público, dessa vez o circense, aparece em *Os Colegas*, de Bojunga, no qual a música tem destaque na trajetória das personagens. Em *Angélica*, também de Bojunga, temos o texto dramático dentro da narrativa. Em *Paulina ao Piano*, de Vieira, a menina protagonista conversa com seu instrumento, seu confidente, e relaciona as notas musicais a certas características das pessoas que cruzam seu caminho. As artes plásticas como forma de abordagem e aprendizado em torno de sentimentos e emoções, quer por meio das cores, quer na moldagem de máscaras, estão presentes em *O meu Amigo Pintor* e *Seis Vezes Lucas*, de Bojunga. O mundo da ópera, do cinema, e a gravação de um programa televisivo popular estão no presente e na formulação da identidade da menina Maria Guilhermina, de *Um Fio de Fumo nos Confins do Mar*, de Vieira. Já *A Casa da Madrinha*, de Bojunga, começa com o menino Alexandre, hábil comunicador, fazendo *show* em praça pública, ganhando algum dinheiro, e garantindo assim sua sobrevivência.

Tanto Bojunga quanto Vieira tiveram intenso contato com o teatro, quando jovens. Estas experiências refletem-se no mundo ficcional criado por ambas. Exploraremos possíveis diálogos interartes e relações intersemióticas, a partir das personagens e seus contextos.

Ensino Literário nas escolas estaduais de Imperatriz/ Maranhão – Perspectivas e avanços

Samanta Barreto Matos de Souza (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP)

O Ensino Literário nas escolas tem seguido diretrizes que ainda perpassam pelo viés histórico e seleção de autores e obras, ficando, desta forma, muito aquém do que realmente se poderia oferecer aos alunos. Devido à necessidade de articulação, delimitação e adequação do/ao Currículo Nacional, o Ensino Literário adotou estratégias que estão ainda distantes de formar leitores literários. Pensando nesta problemática, buscamos investigar como tem ocorrido este processo e elaborar propostas para o desenvolvimento do letramento literário no Ensino Médio, inicialmente focado nas primeiras séries, possibilitando que se estenda a proposta aos anos posteriores.

Nas Escolas Estaduais na cidade de Imperatriz/MA, bem como em todo o país, este ensino tem se dado de forma ineficiente para a formação de leitores literários. Os fatores prováveis disto partem desde a precariedade das bibliotecas, o difícil acesso aos livros literários, a falta de estímulo da família, dentre outros. O Brasil ainda não é um país de leitores, e, na sala de aula, o currículo tem tratado a Literatura como uma disciplina voltada para um viés direcionado para a historicidade e pouco para o teor artístico que ela carrega. O livro didático traz apenas trechos de obras que servem pobremente para exemplificar autores e características.

Assim, refletiremos sobre quais estratégias poderiam ser criadas para que este ensino seja eficaz nesta formação, fator que auxiliará nas demais leituras. A pesquisa se delineará a partir da primeira série, dada a importância de se iniciar este processo quando o aluno ingressa nesta etapa de ensino. Isto nos permitirá, ainda, acompanhar os alunos na série seguinte (segundo ano) e dar sequência nas estratégias que serão trabalhadas, o que acontecerá mediante a criação de um Núcleo Literário. Assim, será possível promover a formação de professores e alunos, estabelecendo estratégias de formação de leitores que possibilitem transformar o ensino literário. A hipótese levantada é que essa transformação influenciará diretamente todas as disciplinas, permitindo a progressão nos níveis de compreensão e interpretação textual.

A pesquisa se dará nas séries iniciais do Ensino Médio, no Centro de Ensino Governador Archer, na cidade de Imperatriz, através de pesquisas

com professores e alunos para, inicialmente, se diagnosticar – através de pesquisas com discentes e docentes – as dificuldades encontradas pelos dois grupos no processo de ensino e aprendizagem de Literatura. As estratégias de Ensino Literário serão criadas a partir das necessidades diagnosticadas com o intuito de formar leitores críticos e conscientes do processo literário.

No ano posterior (2020), as turmas de alunos serão reavaliadas e novas estratégias serão criadas. A formação com professores será contínua – colocando as propostas e acompanhando seu desenvolvimento. Essas propostas de intervenção serão reavaliadas e alteradas de acordo com cada necessidade. As propostas iniciais são a criação de um Clube de Leitura na escola – o que possibilitará a melhoria do hábito de leitura a partir dos textos e obras selecionados; a reestruturação e reativação da biblioteca, para que o acervo escolar deixe de ser subutilizado; a inserção de livros literários em mais disciplinas (não apenas na Literatura); dentre outras.

A formação de leitores infantis: uma experiência brasileira

Sammy Santos Araújo (Universidade do Porto)

Nos últimos dez anos, foi implementado o Programa Aprendizagem na Idade Certa – MAIS PAIC, uma política de cooperação entre estado e municípios desenvolvida pelo governo do Ceará, Brasil, que tem como objetivo alfabetizar todos os alunos da rede pública até os sete anos de idade. O Programa teve origem nos resultados obtidos em uma avaliação amostral dos níveis de leitura, escrita e compreensão de texto, realizada em 2004, com oito mil alunos da 2.ª série do ensino fundamental. Os resultados indicaram que 39% dos alunos não leram o texto; 15% leram muito mal, soletrando e sem compreender; 31% leram com dificuldade e compreenderam parcialmente e apenas 15% leram e compreenderam. Na série em que foi realizada a avaliação amostral, verificou-se que o professor precisava encontrar possíveis maneiras de alfabetizar, utilizando recursos propícios aos educandos. Para atender tal desafio, o MAIS PAIC foi organizado em cinco eixos: Gestão; Ensino Fundamental I e Ensino Fundamental II; Educação Infantil; Literatura e Formação do Leitor e Avaliação Externa. O programa acredita que é necessário o constante contato dos alunos com materiais estimulantes, como os livros de literatura infantil, articulado com as ações pedagógicas intencionais

mediadas pelo professor. Devido a isso, surgiu o objetivo do presente trabalho que é analisar quais as ações e como o Eixo de Literatura e Formação do Leitor propõe formar leitores e motivar para a leitura literária, através da literatura infantil. No Brasil, a literatura infantil e a escola mantiveram sempre relação de dependência mútua. Para Zilberman (2003), a sala de aula é um espaço privilegiado para o desenvolvimento do gosto pela leitura, assim um campo importante para o intercâmbio da cultura literária. E os livros sempre encontraram na escola um lugar seguro, quer como material de leitura obrigatória, quer como complemento de outras atividades pedagógicas. Logo, os laços entre a literatura e a escola começam desde a habilitação da criança para o consumo de obras impressas, como afirma Lajolo e Zilberman (2007). Mediante o que já iniciámos nessa pesquisa, o Eixo tem como estratégias a criação e publicação de acervos literários e a formação docente, com foco na dinamização destes acervos que são distribuídos em todas as salas de aula, da educação infantil ao 5.º ano do ensino fundamental. A pesquisa é de natureza qualitativa e descritiva, através do levantamento de dados por documentação indireta. Nossa investigação está ancorada nos estudos sobre alfabetização, educação literária e formação de leitores, sobretudo Aragão (2009), Arroyo (2011), Candido (1995), Colomer (2003), Cosson (2016), Mendonza (2014), Oliveira (2008), Soares (2017), Solé (2008), Zilberman (2007), publicações institucionais do MAIS PAIC, entre outros. Compreendemos que o Eixo de Literatura e Formação do Leitor tem um papel fundamental para a formação humanizadora dos leitores, contribuindo, assim, de forma direta, para a alfabetização e educação literária das crianças do estado brasileiro e, indiretamente, para a construção do potencial crítico e emocional do indivíduo.

***Uma Escuridão Bonita* – uma viagem noturna ao imaginário, uma narrativa sensorial e ilustrativa**

Sang Dapeng (Universidade de Aveiro)

A partir de uma leitura atenta de *Uma Escuridão Bonita*, narrativa da autoria de Ondjaki com ilustração de António Jorge Gonçalves, o presente artigo tem com objetivo estudar como a narrativa memorialista de um episódio do quotidiano do universo ficcional da série anos 80 se desenvolveu com recurso ao imaginário e efeitos sensoriais, numa ambiência de corte de luz elétrica no contexto de Luanda pós-guerra. Além disso, a materialidade do

livro constituirá também alvo de estudo, à luz da articulação entre o discurso textual e os elementos peritextuais.

Com um título alusivo, *Uma Escuridão Bonita* remete os leitores para uma das noites marcadas pelo frequente corte de luz elétrica na Luanda pós-guerra. Num contexto de escuridão carinhosa, o narrador, um adolescente luandense, convidou a sua amiga a empreender uma viagem noturna no universo onírico do imaginário.

Num trabalho gráfico inovador a preto e branco, cujo fundo escuro mimetizou o apagão experimentado pelos protagonistas, *Uma Escuridão Bonita* desenvolveu uma dupla narrativa: a textual e a visual, sendo que as duas se articularam numa complementaridade mútua com impactos sensoriais. Além disso, a inserção de dípticos, a sequencialidade das imagens, o espaço vazio caracterizado pela não ilustração contribuíram para a reprodução diegética rumo ao beijo ao longo do relacionamento intimista às escuras. Em termos de materialidade, a conceção gráfica do livro, num jogo de luz e sombra, apelou a uma interação entre leitores e personagens, convidando a uma experiência única de leitura sob a condição da escuridão.

Com a finalidade de traçar uma estória sobre o encantamento possibilitado pela conversa às escuras, Ondjaki revelou ao público-leitor que, afinal, além dos significantes frequentes de trevas, horror e até morte, a escuridão pode associar-se a carícias, emoções, carinhos e afetos, o que foi logrado com a criatividade imaginativa e o otimismo dos protagonistas numa sociedade pós-guerra marcada pela precariedade económica, conturbações políticas e, também, pelas faíscas de esperança perante um futuro incógnito.

A literatura infantojuvenil no além-mar: panorama das publicações brasileiras em Portugal e das portuguesas no Brasil

Tainá Amado Basílio dos Santos (Universidade de Aveiro)

A presente dissertação se propõe a apresentar um estudo comparativo acerca da evolução diacrônica das obras de literatura infantojuvenil brasileiras publicadas em Portugal e as portuguesas publicadas no Brasil e, por consequência, a identificar as parcerias e os trabalhos de equipe realizados entre as produções literárias dos dois países. Assim sendo, tem por objetivos mapear os principais

textos, autores (i.e: escritores e ilustradores) e vertentes apreciados no contexto além-mar, bem como analisar as semelhanças e diferenças que moldam suas publicações, refletir criticamente sobre qual o espaço concedido e ocupado por ambos os gêneros no mercado editorial de cada país e, por fim, oferecer um contributo importante para o campo da edição para a infância e a juventude e, da mesma maneira, dos estudos comparados. A escolha do *corpus* compreende os dezoito anos do século XXI, o qual, a partir de um prévio levantamento, constitui-se em diferentes categorias de publicações, tais como: obras de autores tradicionais e contemporâneos de literatura infantojuvenil; novas edições para obras clássicas da literatura infantojuvenil brasileira e portuguesa; e obras de literatura infantojuvenil de escritores consagrados na literatura adulta. O levantamento se dá, sobremaneira, a partir da pesquisa por títulos nos catálogos de “Literatura infanto-juvenil brasileira” na Biblioteca Nacional de Portugal e “Literatura infantojuvenil portuguesa” na Biblioteca Nacional do Brasil para os anos de 2000-2009 e 2010-2018, mas também demais indicadores vêm a ser importantes instrumentos para esta investigação, como as premiações e selos de recomendação nacionais e internacionais, entre outros parâmetros. À luz das contribuições teóricas de Arroyo (1968), Pires (1982) e Hallewell (1982), por exemplo, analisar-se-á brevemente o contexto histórico da edição infantojuvenil em Portugal e no Brasil, para então compreender os primórdios do intercâmbio entre as publicações dos dois países, particularmente a vasta circulação de obras da literatura infantojuvenil portuguesa no Brasil nas últimas décadas do XIX e durante o século XX. Em seguida, o cenário contemporâneo é colocado em foco e busca-se traçar um amplo panorama sobre as projeções da literatura infantojuvenil portuguesa no Brasil e da brasileira em Portugal, estabelecendo considerações entre seus representantes mais relevantes (escritores, ilustradores, editoras, coleções, etc.) e conexões entre as tendências que imperam nas suas tipologias, temáticas, concepções gráficas e materiais. Finalmente, a partir desse paralelo entre ambos os contextos, é possível vislumbrar, ao mesmo tempo, aproximações e distâncias que caracterizam a produção, oferta e recepção do livro infantil brasileiro e português na travessia entre esses países e perceber as mediações (provocadas por questões culturais, educativas e/ou mercadológicas) que consolidam e fomentam o lugar desse gênero na produção editorial portuguesa e brasileira através dos anos. Nesse sentido, os estudos de Cortez (2008) e Oliveira (2013) acerca do projeto gráfico e do mercado editorial lusófono, respectivamente, são fundamentais para o desenvolvimento das análises. O “inventário” e o confronto de dados a serem realizados nesta investigação proporcionarão um contributo importante para a dimensão e historicidade dos estudos da literatura infantojuvenil no contexto lusófono.

Biografias femininas na literatura infantojuvenil brasileira e portuguesa

Talita Corrêa de Sousa (Universidade de Aveiro)

Este trabalho se origina da observação de um número significativo de publicações infantojuvenis no Brasil e em Portugal em 2017 e 2018 do gênero biografia, notadamente feminina, em formato de coleções e coletâneas. Seguindo uma tendência editorial internacional que levou à publicação, e posterior tradução, de obras destinadas ao público infantojuvenil, esses dois países vêm produzindo livros que dão destaque a histórias de mulheres locais. A pesquisa é norteada por questões que se mostram relevantes para entender esse fenômeno em ambos os países em suas perspectivas tanto editorial quanto social. O que o feminismo atual tem a dizer às crianças? Quando as histórias de princesas à espera do príncipe encantado não dão mais conta de um mundo em que mulheres chefiam suas casas, suas carreiras e suas vidas, o que acontece com as histórias infantis no tocante ao papel representado pelas mulheres? O que mulheres reais e suas histórias emblemáticas têm a dizer a essas crianças? Por que o gênero biografia atravessou os livros para adultos e chegou aos livros infantis e juvenis? Por que tantos livros que contam histórias de mulheres, as mais diversas na história do mundo, ganham espaço no mercado editorial brasileiro e português voltado para as crianças e jovens? Tendo em vista esses questionamentos e o fato de que a literatura infantojuvenil, como não poderia deixar de ser, influencia e é influenciada pelos movimentos sociais, pelas mudanças ou estagnações sentidas e processadas pela sociedade como um todo, almeja-se compreender como se dá a relação entre o fenômeno editorial em análise e os momentos sociais brasileiro e português em que o *corpus* foi produzido. Considerando, ainda, conforme Botton e Strey (2016), a força dos estereótipos de gênero que passam a ser naturalizados no cotidiano e nas representações literárias, pretende-se analisar o contexto histórico e social que subjaz esse comportamento editorial, a relação com o feminismo atual e as potencialidades de desconstrução de estereótipos de gênero. Ademais, objetiva-se examinar, de modo qualitativo, em quatro obras, duas de cada país, no formato coletânea (*50 brasileiras incríveis para conhecer antes de crescer*, *Extraordinárias mulheres que revolucionam o Brasil*, *Portuguesas extraordinárias* e *Portuguesas com M grande*), o campo de atuação e período histórico das mulheres biografadas, a relação texto/imagem e o destaque da presença feminina na elaboração desses livros. Após esse

levantamento, serão cotejados os dados encontrados com vista a discutir as semelhanças e diferenças em termos editoriais entre Brasil e Portugal identificadas nestes livros. Tendo em vista a tendência editorial em análise e a ausência de estudos que estabeleçam relação entre literatura infantojuvenil, biografias e feminismo, considera-se tal temática e abordagem relevante e atual para os estudos editoriais.

Explorar, aprender e gostar de ler com Dicionários Ilustrados: entre o texto informativo e o texto literário

Tânia Carvalho (Universidade do Minho)

A receção dos textos informativos, nomeadamente dos dicionários ilustrados ou dos primeiros dicionários, por parte de pré-leitores ou de leitores em fase inicial é ainda uma problemática pouco investigada em Portugal, sendo os objetos referidos igualmente pouco mobilizados no quotidiano em educação pré-escolar ou primeiro ciclo do ensino básico. Assim, estas duas constatações constituem os motivos-base que originaram a escolha deste tema para a minha investigação-ação, ao longo de todo o meu processo de formação/prática pedagógica. O tópico selecionado representa, também, um domínio habitualmente pouco explorado pelas crianças, constituindo, ainda, uma das áreas para a qual as crianças estão menos despertas.

Assim, durante o meu projeto de investigação-ação, terei como objetivo fundamental o estudo de textos não literários ou não ficcionais, nomeadamente informativos. Não obstante a opção mencionada, pretendo, igualmente, fazer uma ligação coerente entre estes textos factuais ou informativos e os textos literários para a infância.

Partindo da questão de pertencermos a um dos países da Europa que mais vê televisão e que menos investe em produtos culturais, considero que é necessária a criação de oportunidades para que as crianças entrem em contacto com os livros e com tudo o que eles oferecem. No entanto, é importante realçar que este deve ser um trabalho realizado em parceria com as famílias. Tudo aquilo que a maioria das famílias consome (internet, revistas comerciais de atualidades, de lazer, e as temáticas comunicacionais do quotidiano, entre outros) vai influenciar a forma como as crianças encaram o texto escrito. Para que uma criança se torne num leitor interessado, é crucial que o meio que a

rodeia comece, desde cedo, a transformar esta tarefa em algo divertido, interessante e harmonioso.

Para que seja desenvolvido o gosto pela leitura, é importante que sejam dados a conhecer à criança vários tipos de textos, possibilitando-lhes o conhecimento de diversas obras em vários suportes, com temas diferentes e pertencentes a modos, géneros e subgéneros diversificados.

Partindo dos interesses e necessidades das crianças, apresento um conjunto de propostas de atividades implementadas durante a minha ação pedagógica da Prática Supervisionada para a Educação Pré-Escolar e para o 1.º Ciclo do Ensino Básico, tendo como objetivo primordial desafiar as crianças a conhecerem o texto informativo, nomeadamente os dicionários ilustrados, e fazendo uma ponte entre estes e os textos literários. Pretende-se, ainda, que compreendam e explorem alguns aspetos importantes do mundo em que vivem, estimulando, simultaneamente, competências comunicativas e/ou linguísticas.

Esta abordagem foi implementada de acordo com práticas integradoras que abrangem as diferentes áreas do saber, desenvolvendo uma aprendizagem ativa com as crianças, envolvidas numa atmosfera de descoberta e partilha.

O intuito desta comunicação é relatar a minha experiência, enquanto mestrande do curso de Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico do Instituto de Educação, da Universidade do Minho, no âmbito da construção de propostas educativas que contribuam para a formação de pré-leitores e futuros leitores mais competentes.

**Sessão de lançamento
de livro**

**TENDÊNCIAS CONTEMPORÂNEAS
DA INVESTIGAÇÃO EM LITERATURA
PARA A INFÂNCIA E JUVENTUDE**



Coordenação:
Ana Margarida Ramos
Emanuel Madalena
Inês Costa

PER CURSOS19
da Literatura Infantojuvenil

tropelias & companhia

Tendências Contemporâneas da Investigação em Literatura para a Infância e Juventude

Tropelias & Companhia – Coleção Percursos (n.º 19)

Ana Margarida Ramos, Emanuel Madalena & Inês Costa (coord.)

Este volume reflete as tendências mais recentes da investigação em Literatura para a Infância e Juventude, apresentando um panorama alargado dos estudos em desenvolvimento em vários países. Procura-se, assim, dar conta não só da variedade de objetos de estudo (temas, géneros, etc.), mas sobretudo da multiplicidade de perspetivas e de abordagens que esta área permite, incidindo, por exemplo, na construção dos textos (e outras linguagens), nas suas mensagens explícitas e implícitas, na evolução histórica da produção, na comparação entre obras, na sua tradução, nas implicações da leitura, entre outras.

